



"Sobre Cine-Poema"

Max Martins

Poeta com vários livros publicados. Diretor da Casa da Linguagem da Fundação Curro Velho. Fundador do 1º Cine Clube em Belém: "Os Expectadores". Colaborando com artigos para crítica cinematográfica de Belém.

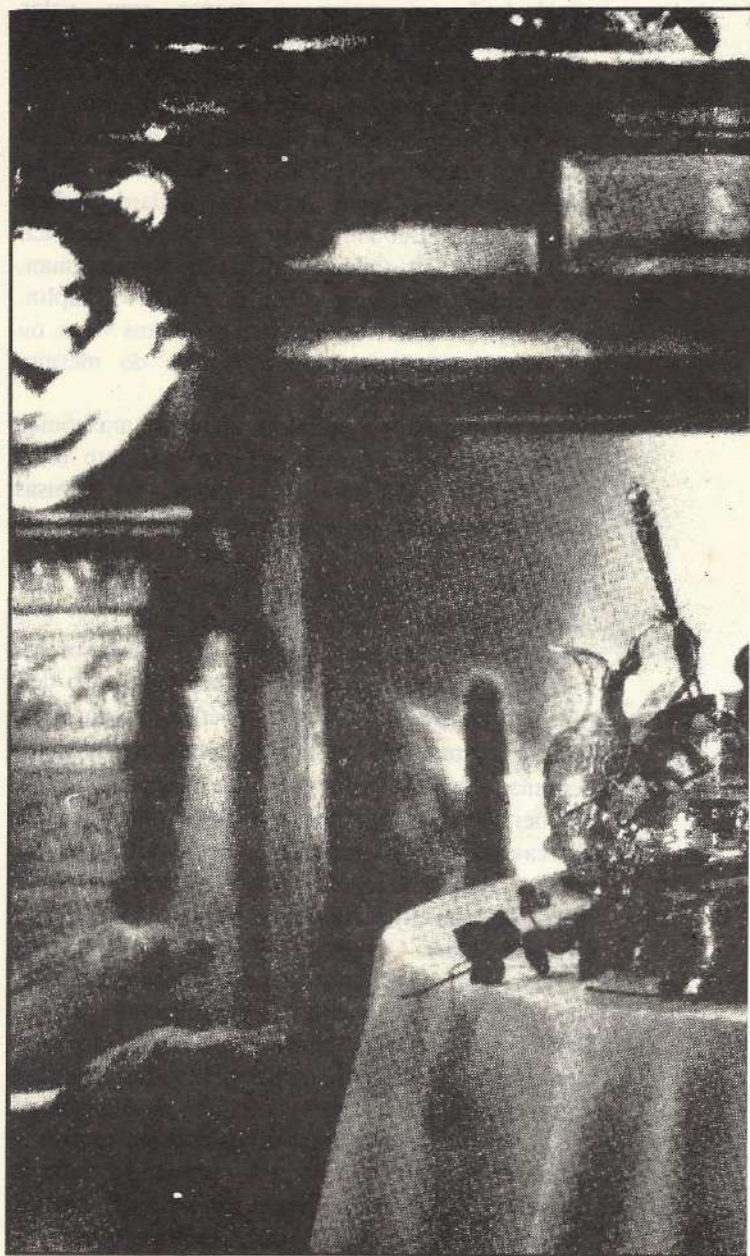
Entendo o cine-poema como o poema sendo beneficiado pela animação cinematográfica e como tal projetado numa tela, utilizando para seu enriquecimento a técnica "alheia" do cinema. Falo alheia entre aspas, pois, afinal, pensando bem, aquilo que o poema foi buscar no cinema, muitas vezes não é outra coisa senão o que a literatura já deu ao cinema, como seja, a velha e universal metáfora.

E além da voz humana, a veneranda mãe da poesia, e da simples e tradicional folha de papel, o poema pode se comunicar, e isso não é novidade, no teatro, no rádio, na TV, no cartaz. Claro que não me refiro a uma simples e primária apresentação, mas ao próprio envolvimento técnico e material desses veículos, mantida porém a imprescindível permanência da palavra. Nesse sentido não há por que torcer o nariz ao cine-poema. Pelo contrário, como já disse, é até fascinante; mesmo porque o cinema influencia o poema ainda quando este é apresentado na página em branco. É notório, por exemplo, o "corte" e a "montagem" intencional na poética moderna.

Isso não é novidade, inclusive porque "corte" e "montagem" já existiam não intencionalmente na poesia, muito antes do nascimento do cinema, o que vem confirmar que a chamada sétima arte está cheia de literatura. Cocteau, poeta e realizador, dizia que nos seus filmes sua caneta era a câmera, e Maiakovski afirmava que o cinema era o renovador das literaturas.

Mas, assim como muitos poetas apanham, por exemplo, o "corte" e a "montagem" bem, aqui e agora nas telas do cinema, para enriquecimento de sua obra, alguns foram buscar muitos e muitos séculos antes de nossa era, a mesma "montagem", o mesmo "corte", na escrita e na poesia chinesa, onde, por exemplo, os signos do sol, sublinhando os signos dos brotos visíveis das plantas, formam o ideograma de primavera. E isto, segundo Fenollosa, conduz a linguagem para perto das coisas, afinal como o cinema, isto relativamente à poesia, porque o cinema também foi matar a sua sede imagística do ideograma chinês, no velho haiku de Basho e no teatro Kabuki japonês de onde Eisentein organizou sua teoria de

montagem cinematográfica. Ao acaso cito como exemplo de metáfora ideográfica, num filme cujo nome e diretor não me ocorrem mais, e no poema de Drummond, o sangue do leiteiro baleado na



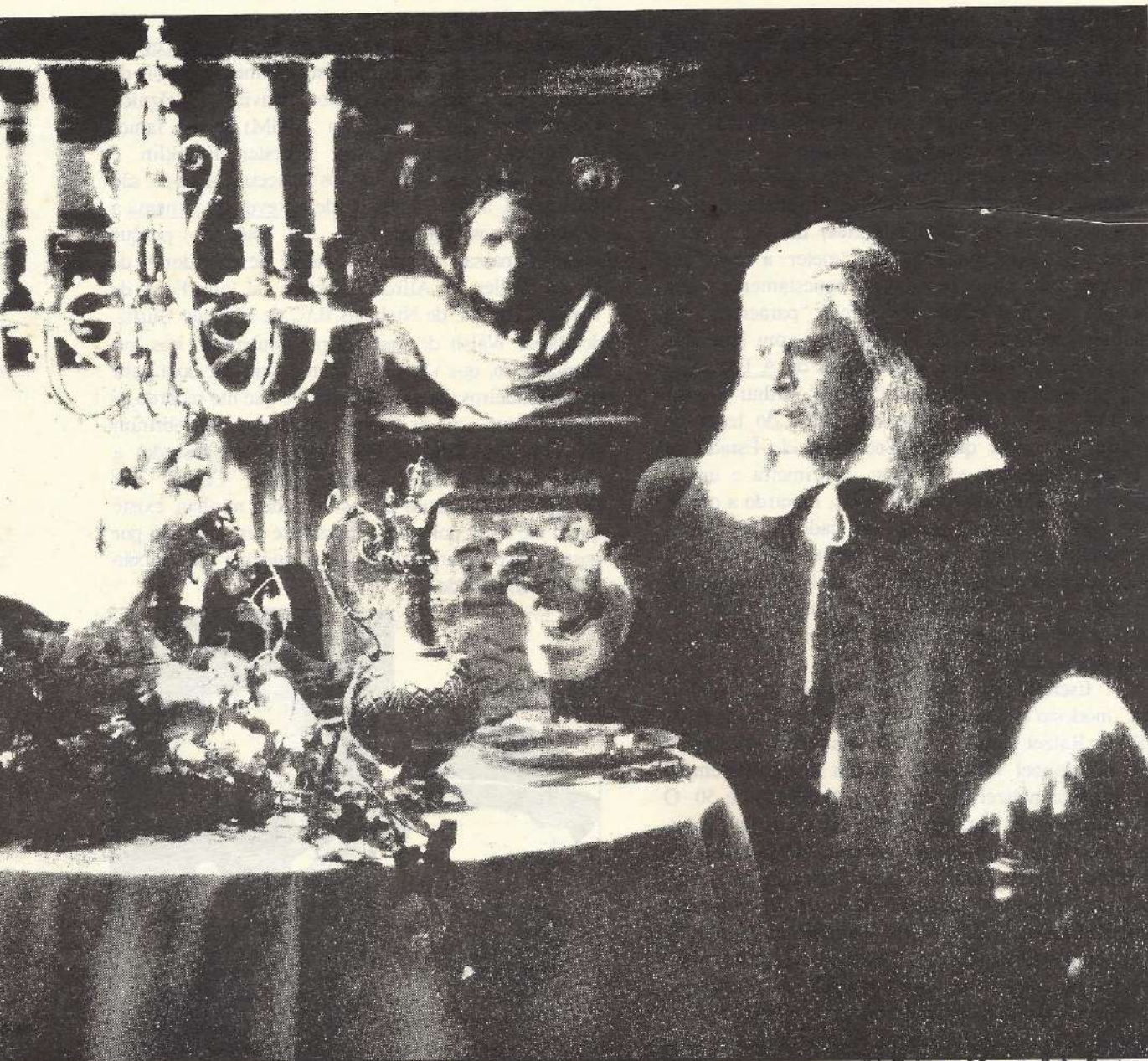
A Estética da Cinemagia e Meus Olhos

madrugada, confunde-se com o leite derramado, "formando um terceiro tom a que chamamos aurora.

A idéia do cinema-poema implica uma das preocupações das vanguardas surrealistas, futurista e das atuais, ou seja, "abrir" a poesia à sua contemporaneidade, no caso, servindo-se também da tecnologia e dos meios de comunicação de massa. Certo. De minha parte, porém, não deixo de me alertar contra os riscos dum inadequado aproveitamento dessas vantagens que podem

prejudicar a qualidade absoluta necessária ao poema, dirigindo de certo modo solitariamente ao leitor, em favor duma qualidade quantitativa, se assim podemos dizer, do cinema, rádio, TV, manchetes jornalísticas, etc, que um grupo de criadores e técnicos destina à massa.

Creio que poderia resumir minha opinião, dizendo que, se o cine-poema dispensa as palavras, pode ser outra coisa, mesmo de excelente qualidade inventiva, mas não será poema.



"A Bela e o Monstro" de Cocteau